Na última aula do professor Fernando Piteira Santos por limite de idade em 30 de Junho de 1988

JORGE BORGES DE MACEDO *

Este dia e esta circunstância significativa é, decerto, motivo de reflexões para todos nós. Muitas delas serão, acaso, extemporâneas, por envolverem opções mais profundas do que quantas, eventualmente poderão aqui ser referidas. Na verdade, não duvido que o seu debate nos levaria muito para além do que nos traz todos a este lugar: estarmos presentes, na última lição do Professor Fernando Piteira Santos. E apesar de ser, desde logo, um acto de presença, não é ela, para mim, conjuntural. Corresponde a uma atitude essencial ao homem que, sem ela, será sempre infeliz: algo de intrínseco nos leva a respeitar os sentimentos de amizade e a colocá-los, na hora da verdade, no lugar decisivo que, dentro de nós e das nossas consciências, eles verdadeiramente têm. E ainda bem que têm. Quando colocado entre o zero e o infinito, entre a solidão e a alteralidade, o homem escolhe a pessoa concreta e definida, mesmo que seja para a criticar. Não escolhe, não pode escolher, a ausência — que assim corresponde ao vazio deliberado — sobretudo se a sua presença foi solicitada. Não que-

reria, porém, em caso algum, recusar-me a estar presente.

As minhas relações com o Professor Fernando Piteira Santos datam dos anos remotos de 1939, quando, de facto, a sua vida pública já era uma realidade tangível e lhe tinha imposto, até, algumas decisões fundamentais ou que, na sua generosidade e lógica de sistema, assim as quis tomar. São, portanto, mais de cinquenta anos de vida intensa e de contactos com as mais variadas gentes, os mais diversos problemas nacionais e internacionais, vividos na nossa maneira e na nossa sensibilidade. E aqui permitam-me que saliente um ponto especial da sua personalidade e do seu modo de ser que permanece e de que muito há a esperar, se ele o quiser. O Professor Piteira Santos, sempre foi dotado de um vivíssimo espírito crítico, altamente selectivo que o torna um cuidadoso observador das realidades directamente caídas sob a sua atenção. Está apto para aquilo a que uma corrente da cultura contemporânea, a meu ver essencial, chama a crónica dos acontecimentos quotidianos. Não vejo ninguém como o Professor Piteira Santos, no conjunto de pessoas que conheceram e viveram, em vida e memória, estes mesmos cinquenta anos, em participação e possibi-

* Professor Catedrático da Universidade de Lisboa e da Universidade Católica Portuguesa.

lidade de desdobramento crítico, quem possa fazer a crônica dos nossos acontecimentos quotidianos, sem medo de desagradar e ao mesmo tempo, com o conhecimento pessoal dos homens e das situações, com dados que podem dar — se ele o quiser — a imagem que falta quanto ao mundo contemporâneo português. O seu testemunho sobre «o outro lado da muralha» é qualquer coisa de muito significativo para a história do nosso tempo. Seria profundamente desejável que dedicasse algum do seu tempo a fazer o seu relato, como testemunha participante. Bastará fazê-lo para prestar, desde logo e a partir daí, um serviço de primeira importância à vida pública portuguesa e uma informação para elucidar concepções do mundo em que se viveu, nas suas relações entre a realidade por ele percebida e o conjunto da problemática em que Portugal esteve — e está — envolvido. Não se trata de uma questão de imparcialidade mas de autenticidade — o lado histórico da honestidade narrativa. E estão ambas ao alcance do Professor Fernando Piteira Santos.

Não se dirá que esta referência ao seu «poder ser» de algumas horas do futuro que pertence ao Professor Fernando Piteira Santos, depois desta aula que vamos ouvir, vem a despropósito. Ela está também em relação com o que representa a própria Universidade, em tempo e racionalidade.

A esse respeito, importará fazer um comentário justificativo desta sugestão: é uma utopia supor-se que a Universidade pode dar tudo para a cultura, ou mesmo preparação científica do estudante. Não pode. Em meu entender, é esse um dos grandes pontos que «decidem», quanto ao papel da Universidade, na cultura e na vida do nosso tempo: a Universidade só ensina, só transmite, só exemplifica, só dá a medida do possível. Só toma o real em termos de possível, quando muito, realizado. Essa é, penso eu, a principal característica da Universidade e que faz dela um inapreciável instrumento para a vivência criadora do nosso tempo: prepara mais para o «poder ser» do que para o «ser».

Esta atitude universitária é, evidentemente, um risco. Mas, certo é que nada pode preparar melhor um jovem estudante para as realidades que vai encontrar do que debatê-las em termos de poder ser, a saírem

do ser, esse misto do eventual e do necessário, em que vivemos e onde nos projetamos. As formas de razão transmitidas na ensinaça dos professores, só podem ser aproveitadas quando apresentadas nas formas de pensamento que o professor explora, íntima e didacticamente, até às últimas consequências. A ambiguidade ensina mal. Quando o estudante vê, «experimentadas» no professor, formas irrecusáveis de pensamento, elas tornam-se assim um elemento de experiência e crítica. Ora o Professor Fernando Piteira Santos tem a predilecção absorvente pela consequência, até ao máximo das suas possibilidades.

No tempo que nos foi comum, os modelos tangíveis de pensamento numa universidade que, de positiva, passou a meramente informativa e nunca chegou a entender as metodologias globalistas de Dilthey, Fèbvre, Marc Bloch, Cassirer, Huizinga, Braudel, apesar dos esforços isolados e distantes entre si — de que lembrarei os nomes de Ferreira de Almeida, Mário Chicó, Mário de Albuquerque, quaisquer que sejam as «críticas» que estas lembranças possam levantar. Nem deixarei de repetir, insansavelmente, o nome de Victorino Magalhães Godinho. Todos eles, cada um à sua maneira — e nós com eles — estavam conscientes da tutela positivista e procuravam uma saída «diferente». Nas suas concepções que tenham de comum o serem, intrinsecamente, possibilistas, recusavam aqueles mestres a conceptualização pelo necessário, ainda que evidentemente, também indispensável para a função da história no nosso tempo. Eram, por isso, sem qualquer dúvida, restritivos, na sua montagem didáctica, quanto ao papel que a consequência tem desempenhado no acontecer humano. Ao saírem do positivismo, desabituavam o aluno da consequência, característica que, não obstante, é preciso ponderar para se atingir o «poder ser», essência do humano. O Professor Piteira Santos sempre teve como característica essencial do seu modo mental, aquilo a que podemos chamar a paixão intransigente pela necessidade de considerar e explorar a consequência, até aos limites do que ela pode dar para ser recusada, ou aceite. Penso ter sido essa a função que o Professor Piteira Santos desempenhou, acompanhado pela secreta generosidade da sua atitude crítica que

a «consequência», nem sempre dá ou até, muitas vezes, tira. Foi esse o seu processo lógico, a sua expressão para a aventura humana que tomou sobre si. Lembro-me do seu vocabulário de sempre. E entre o que fixei, lá está o termo «consequente» que quase se tornou uma referência convencional. Mas o Professor Piteira Santos fez acompanhar essa preocupação por uma cautela para seu uso pessoal, por uma objecção crítica anti-monolítica, quando chegava a hora da verdade. E aconteceu muitas vezes, nos tempos em que tudo isto era absolutamente incompreensível para muitos dos seus *compagnons de route*. Assim, quando tirava todas as consequências de uma proposta a explorar, já ele estava procurando outra, para, de novo, a levar às últimas consequências. Todas elas na sua orientação essencial — sempre, para Piteira Santos, em discussão íntima e opção pública, porque verificou não dever ser de outro modo — de que os homens, porventura, «se fazem» de fora para dentro, no meio em que estão ainda que seja, tão só, hipótese de trabalho. Ponto de vista que é indispensável ter em conta, mesmo que seja para o recusar. Mas, em tudo isso, numa dialéctica da cultura — e da sociedade — é preciso que a proposta encarne em gente. Não em sistema.

Este gosto pela exploração da consequência é, penso eu, a posição fundamental de Piteira Santos na didáctica universitária, como já o tinha sido na sua própria obra de historiador. Vejo-a como uma posição cautelosa de antipositivista que o fará estar mais próximo de Oliveira Martins do que de Teófilo Braga, apesar deste último ser, no seu género, um positivista «consequente». Mas faltava-lhe a exigência de globalidade e de dialéctica interna, que se revelavam indispensáveis a Piteira Santos.

Não acompanhei, durante largos anos, as realizações práticas desse seu pendor de espírito, na Universidade de Lisboa, ou na didáctica universitária, mas a leitura dos seus escritos assim o confirma. Percebe-se, mesmo, a sua perplexidade crítica perante o aparecimento do existencialismo, mesmo sartriano, onde a expressão directa era mais importante que a consequência. Neste caso, a lógica da situação dotada de um determinismo paradoxalmente alternativo, não vi que lhe tivesse suscitado curiosidade. Receio das soluções «fáceis»? Creio, antes, que a razão principal das suas reticências passava por aquilo que tomava como responsabilidades públicas e que entendia deverem condicionar a sua aventura intelectual. Mas esta, apesar disso, permanece, nele viva e ágil, na certeza de que nunca está tudo dito e pensado, apesar da consequência estar calculada. A dialéctica do pensamento exige uma alternativa com poder de objecção. Capacidade de objecção: eis o ponto essencial que, depois da consequência, tem fixado a paixão racional do Professor Fernando Piteira Santos e lhe marca um lugar na cultura portuguesa contemporânea.

Seria um interessante exercício de estilo perguntar o que seria o Professor Piteira Santos, sem governo autoritário ou sem a sugestividade dialéctica da auto-justificação. Mas o que importa dizer, para terminar estas palavras, com que saúdo o Professor Piteira Santos é que não sei o que seria. Mas, decerto, teria revelado, o que sempre cuidadosamente procura esconder: a sua grande e generosa boa vontade para com os simples e os humildes, a sua invencível vontade de desafiar os poderosos. E se o fez, apelando para outros poderosos, estou certo que o fez, julgando que era esse o único caminho.